



# **Considerações sintáctico-semânticas sobre a construção chamada semi-pseudoclivada\***

*Liisa Melo e Abreu*

## **Resumo**

Na língua portuguesa, dentro das estruturas com clivagem, a construção semi-pseudoclivada oferece, por enquanto, um campo aberto para a investigação. Trataremos de descrever a construção semi-pseudoclivada na sua estrutura superficial dando uma aproximação sobre as suas características tanto sintáticas como semânticas, e ainda, distribucionais. Semanticamente uma construção semi-pseudoclivada é uma construção enfático-contrastiva, cujo foco fica, em geral, à direita do *ser* identificador. A semi-pseudoclivada oferece, a nosso ver, uma alternativa para a ênfase frásica, quando aplicada a sua variante *mas é*PÓS-FRASE. Isto, especialmente em contextos imperativos. Assim, pretendemos igualmente, que as construções com clivagem, embora tenham muitas características em comum, oferecem umas verdadeiras alternativas complementares umas às outras. Para se poder realizar a construção semi-pseudoclivada precisa de satisfazer algumas condições sintáticas: em relação ao foco marcado, a semi-pseudoclivada aceita para a função do Suj apenas a 3ª p. do sg. ou do pl. (o apagamento do primeiro elemento

- \* Estas considerações baseiam-se na tese de doutoramento de Melo e Abreu (2001) defendida na Universidade de Helsínquia. A tese tem duas afirmações principais: a primeira é a de que as construções com clivagem são um subtipo de frases relativas e a de que as clivadas, semi-pseudoclivadas e as construções com *é que* são derivadas de uma base comum, isto é, as pseudoclivadas. Não trataremos destas afirmações neste artigo. Sublinhe-se ainda que a maioria das frases exemplares são tiradas do trabalho acima. Ou são frases que foram levantadas do corpus (literário ou oral) ou são frases básicas utilizadas segundo as metodologias conhecidas e bem testadas.

clivador patente nas pseudoclivadas só explica, no entanto, o singular). Por outro lado, o Predsuj não pode estar lexicalizado quando no foco um Suj. Outra restrição sintáctica em relação às semi-pseudoclivadas é a da Pessoa: o verbo *ser* sempre se encontra na 3ª p. do sg.

**Palavras chave:** Sintaxe, semântica, construção semi-pseudoclivada, português.

## Syntactico-semantic considerations about the semi-pseudo cleft structures

### Abstract

This paper presents the Portuguese semi-pseudo cleft constructions in their surface structure based on their syntactic, semantic and distributional characteristics. From a semantic perspective, these structures are emphatic-contrastive, with a focus, generally, on the right of the identified “being”. In our opinion, these structures offer an alternative to phrasal emphasis under certain conditions. Some syntactic conditions must be satisfied for these structures to be possible and they are explored in this paper.

**Key words:** Syntax, semantics, cleft structures, Portuguese.

### Introdução

O português tem, no tocante ao processo da clivagem algumas características bem próprias que a diferem de muitas outras línguas, até no seio da família das línguas românicas. As construções clivadas e pseudoclivadas são meios bastante usuais para pôr em destaque ou um argumento interno ou externo de um predicado verbal, tanto nominal como frásico. O português possui, além das construções supracitadas, mais duas construções com clivagem chamadas as semi-pseudoclivadas e as construções com *é que*, construções essas que até agora têm sido mais ou menos marginalizadas pelos gramáticos e investigadores da língua portuguesa. Pelo menos, até ao momento, não houve nenhum estudo coerente sobre as quatro construções com clivagem. Neste artigo queremos introduzir a construção talvez mais desconhecida delas todas, isto é, a construção semi-pseudoclivada. Trata-se de uma construção cuja utilização, não só oral mas também escrita, está a ser cada vez mais usual. Porém, por enquanto, estamos a mover numa área relativamente desconhecida de maneira

que nesta nossa aproximação podemos falar de um primeiro passo em direcção à sistematização das propriedades das semi-pseudoclivadas. Assim, estamos a abrir o caminho para outros investigadores interessados nas construções com clivagem na língua portuguesa<sup>1</sup>. Não podemos deixar de realçar ainda a importância de uma descrição da estrutura de superfície. Quanto a nós, ela permite resultados práticos e acessíveis. Por outras palavras, esta aproximação permite uma explicação menos artificial de fenómenos linguísticos.

Não temos a pretensão de demonstrar todos os contextos possíveis em que possam ocorrer as construções semi-pseudoclivadas, mas sim as situações mais comuns em que elas aparecem<sup>2</sup>. Uma vez vistos os contextos em que as construções em questão se encontram, classificamos os exemplos e a partir dos resultados observados definimos o comportamento das construções. Isto quer dizer que os resultados deste estudo se baseiam nos factos concretos, na estrutura linear da língua. As palavras chave são a observação e a descrição. Assim, conseguimos determinar os limites e as possibilidades das construções. Igualmente esperamos que os quadros criados a partir de critérios de carácter sintáctico-semântico sejam acessíveis àqueles que utilizam ou investigam a língua portuguesa.

Para realizarmos a ênfase sintáctica do Suj, numa frase como p. ex.

*O Pedro telefonou hoje.*

podemos recorrer a um dos quatro tipos de construções com clivagem<sup>3</sup>:

*Quem telefonou hoje foi o Pedro.* (uma pseudoclivada)

*Foi o Pedro quem telefonou hoje.* (uma clivada)

*Telefonou hoje foi o Pedro.* (uma semi-pseudoclivada)

*O Pedro é que telefonou hoje.* (construção com *é que*)

A primeira conclusão a tirar ao observarmos as estruturas superficiais das frases acima é a de que todas as quatro construções efectuem a realce por meios sintácticos: todas elas contêm o verbo *ser*, seja ele uma forma conjugada ou aparentemente neutra. Igualmente, algumas construções contêm um elemento clivador, parecido a um relativo. A construção semi-pseudoclivada constitui uma excepção ao recorrer apenas ao uso do verbo *ser*, cujo carácter sintáctico definiremos nas páginas a seguir.

Semanticamente estas construções possuem igualmente características bem definidas que as distinguem de uma simples inversão ou outro tipo de mudança da ordem das palavras como veremos mais à frente.

### Aproximação geral

Como indica o nome destas construções temos a ver com estruturas que se assemelham bastante com as pseudoclivadas. Vejamos:

- (1) *Quem* chega é o Pedro.
- (1)a. Chega é o Pedro.
  
- (2) *De quem* eu gosto é de ti.
- (2)a. Eu gosto é de ti.
  
- (3) *Quando* o Pedro chegou *foi* ontem.
- (3)a. O Pedro chegou *foi* ontem.
  
- (4) *O que* existe é o tempo.
- (4)a. Existe é o tempo.

Verificamos que a semelhança entre as pseudoclivadas (1, 2, 3 e 4) e as semi-pseudoclivadas (1a., 2a., 3a. e 4a.) é enorme parecendo ser necessário apenas o apagamento do primeiro elemento da frase pseudoclivada, isto é, de *quem*, *de quem*, *quando* e *o que*, nestes casos específicos. Ora, as semi-pseudoclivadas têm várias restrições em relação à sua realização. Para já, podemos observar a pseudoclivada (5) cuja transformação em semi-pseudoclivada (5)a. não é possível através do apagamento do elemento clivador no início da frase:

- (5) Quem chegou foram eles.
- (5)a. \*Chegou foram eles.

Ou vice versa, quando a pseudoclivada é agramatical, a semi-pseudoclivada já não o é:

- (6) \*Quando o Pedro trabalhou foi a semana toda.
- (6)a. O Pedro trabalhou foi a semana toda.

Por mais interessantes que possam parecer e sejam, de facto, em matéria da derivação, as semelhanças e as diferenças entre estas duas estruturas de marcação de foco (assim como a relação entre as quatro construções com clivagem, em geral), limitar-nos-emos à descrição das características sintácticas e semânticas das semi-pseudoclivadas.

Além das evidentes semelhanças sintácticas entre as duas construções com clivagem podemos, igualmente, admitir que, se as pseudoclivadas são construções de foco marcado pelo verbo *ser*, foco esse de valor enfático-contrastivo, também as semi-pseudoclivadas parecem sê-lo (pelo menos o elemento marcador do foco, o *ser*, continua igualmente patente nelas).

Vamos prosseguir com a análise sintáctica dos elementos nas semi-pseudoclivadas.

### **Caracterização sintáctica do *ser* e dos elementos marcados por ele**

Como com todas as construções com clivagem, o elemento que se deseja enfatizar, ou seja, o foco da construção, encontra-se junto ao verbo *ser* (uniformizado ou não), ou à sua esquerda ou à sua direita, isto é, no caso das semi-pseudoclivadas à sua direita, no fim da frase<sup>4</sup>. A função sintáctica do elemento focalizado pelo *ser* é, na maior parte das vezes, segundo o nosso corpus, a de objecto directo:

- (7) Vou perder é *o autocarro*.
- (8) Garanto é *que são óculos, normalíssimos, sem marca*.
- (9) Não sei é *se ele volta*.
- (10) Só não percebo é *porque é que ele não vem*.

Em (7) temos no foco um nome, em (8) uma completiva finita, em (9) uma interrogativa total e em (10) uma interrogativa parcial.

Mas também se pode encontrar no foco um SN complemento indirecto (11), um Sadj predsuj (12) ou Sprep obl (13) e (14)<sup>5</sup>:

- (11) O Pedro escreve é *à Mena*.
- (12) Eles são é *fantásticos*.
- (13) Não gosto é *de mariscos*.
- (14) Ele ia sempre era *aos Açores*.

O que se pode notar nas frases acima em relação ao verbo *ser* é que ele sempre aparece na 3ª p. do sg<sup>6</sup>. Agora, a língua portuguesa caracteriza-se pelo facto de o V concordar com o Suj da frase. Este ponto parece ser vulnerável no caso das semi-pseudoclivadas. Compare-se as pseudoclivadas com as semi-pseudoclivadas:

(15) Quem chegou fomos nós.

(15)a\*Chegou fomos nós.

A pseudoclivada (15) é perfeitamente natural, enquanto a sua variante semi-pseudoclivada torna-se agramatical. Se mudarmos de pessoa, acontece o seguinte:

(16) Quem chegou foi ele.

(16)aChegou foi ele.

Sendo o Suj da frase a 3ª p. do sg., a concordância entre o Suj e o verbo *ser* efectua-se, pois a estrutura sintáctica da construção está conforme aos padrões de comportamento gramatical da língua portuguesa. Como o *ser* das semi-pseudoclivadas é invariavelmente a 3ª p. do sg., as frases (17)a. e b. são rejeitadas pelos falantes do Português.

(17) Quem chegou foram eles.

(17)a\*Chegou foram eles.

(17)b\*Chegaram foram eles.

(17)cChegaram foi eles.

Não encontrámos explicação ao facto de a semi-pseudoclivada aceitar no seu foco também a 3ª p. do pl. Podemos apenas especular sobre as razões. O que é certo é que uma vez apagado o primeiro elemento clivador, isto é, não existindo no início da frase nenhum elemento que possa indicar o carácter do foco, o *ser* é uniformizado a uma terceira pessoa do sg. ou se quiserem, a uma forma impessoal.

Repare-se, no entanto, que o V da frase tem de concordar com o Suj da frase o que faz com que uma frase como (17)d. não seja aceitável:

(17)d\*Chegou foi eles.

Segundo o nosso corpus, os únicos tempos que a semi-pseudoclivada aceita são o Presente (do indicativo) e o Passado (pretérito perfeito e imperfeito do indicativo):

(18) O João	come	é	
	comerá	é/*será	
	comeu	foi	
	comia	era	dobrada.
	tem comido	é/*tem sido	
	tinha comido/comera	foi/*fora	

Além da restrição da pessoa do Suj no foco (3ª p. do sg. ou do pl.) e a restrição da Pessoa e do Tempo do verbo *ser*, parece existir outra limitação em relação às semi-pseudoclivadas que tem a ver com o carácter unário do verbo principal da frase. Quer dizer, uma semi-pseudoclivada parece aceitar apenas verbos que permitem a não lexicalização de um segundo argumento:

(19) Quem falou sobre isso? Foi o João?  
Não, falou [cv] foi a Catarina.

(20) Quem comprou o carro? Foi o João?  
\*Não, comprou o carro foi o Paulo.

Na frase (20) a lexicalização do segundo argumento é obrigatória, portanto, a semi-pseudoclivada torna-se inaplicável.

Comparem as frases seguintes:

(21) Estes senhores são é jornalistas.

(21)a. \*São jornalistas é estes senhores.

A semi-pseudoclivada aceita para a posição focalizada um SN predicativo do sujeito (21) mas não admite foco sujeito numa frase que contém Predsuj lexicalizado. No entanto, a frase (21)a. torna-se gramatical uma vez apagado o Predsuj:

(22) A Maria e o José são os jornalistas desta reportagem?

(22)a. \*Não, são os jornalistas é estes senhores.

(22)b. Não, são é estes senhores.

Neste contexto, realçamos o facto de que andamos numa área pouco definida por enquanto, e os portugueses parecem vacilar perante certas realizações por se tratar, pura e simplesmente, de uma área tão subjectiva como é a da ênfase. Citamos Melo e Abreu (2001), pp. 105-106, em que se fala de casos com Suj no foco:

“Estamos, mais uma vez, perante um caso em que as opiniões de aceitabilidade/não aceitabilidade variam. Não sabemos ao certo, se no caso das frases [...] se trata de uma alternativa sintáctica com uma justificação interna numa variante da língua, ou se se trata de uma anomalia devido a condições sintácticas favoráveis ou à falta de familiaridade com os ditos padrões de funcionamento da língua portuguesa. Tratar-se-á de uma irregularidade a eliminar ou de uma área linguística em evolução? Deixamos aberta esta questão. [...]”

Para concluir, incluímos aqui o quadro referente aos elementos sintácticos no foco das construções com clivagem:

### Elementos sintácticos marcados no foco

	SNsuj	SNcd	SNcid	SN Predsuj	SAdj Predsuj	SPrep Obl arg./ não arg.	Sadv
PCL	+	+	+	+	+	+ R1	+
CL	+	+	+	+	+	+	+
SPCL	+ R2	+	+	+	+	+	+
É QUE	+	+	+	+	+	+	+

Restrição 1: certas preposições como *até, desde, entre, para, por, sobre*.

Restrição 2: Suj só pode ser a 3ª p. do sg./pl.

Não admite foco sujeito (mesmo que 3ª p.) numa frase que contém Predsuj lexicalizado: \*É um artista é o Vincent.

### Variante *mas é*

Esta variante bastante original das semi-pseudoclivadas, totalmente ignorada pela literatura especializada, é, contudo, uma variante séria que pertence ao subsistema da língua portuguesa. Ela é utilizada na fala oral quotidiana por todas as camadas socioculturais dos falantes do Português. Acharmos que representa uma curiosidade de tal maneira usual que não podemos deixar de mencionar a sua existência, nem que seja num espaço tão curto como este.



Trata-se de uma combinação inseparável de *mas* e a 3ª p. do sg. do verbo *ser*. Os contextos sintácticos em que ela aparece são idênticas aos da construção semi-pseudoclivada propriamente dita, embora possua algumas características próprias. Vejamos:

- (23) Existe *é* o tempo.  
 (23)a. Existe *mas é* o tempo.  
 (23)b. Existe o tempo *mas é*.

A variante a. (variante PRE-FOCO, se quiserem) difere das semi-pseudoclivadas (23) e (24) apenas no facto de que, apesar de o segundo elemento da combinação ser variável no Tempo (24)a., a Concordância em Tempo não é obrigatória (24)b. No caso da variante *mas é* no fim da frase (variante PÓS-FRASE), a Concordância em Tempo não se realiza (24)c:

- (24) Ele foi *foi* para os lados de Galamares.  
 (24)a. Ele foi *mas foi* para os lados de Galamares.  
 (24)b. Ele foi *mas é* para os lados de Galamares.  
 (24)c. Ele foi para os lados de Galamares *mas é*.  
 (24)d. \*Ele foi para os lados de Galamares *mas foi*.

### **Características semânticas da construção semi-pseudoclivada**

Segundo a nossa definição, as construções com clivagem são todas elas construções com *ser* identificacional de valor enfático contrastivo. Se, no caso das pseudoclivadas, temos no início da frase um elemento clivador que depois é identificado no foco pelo verbo *ser*, como é possível que também a semi-pseudoclivada cujo elemento clivador é apagado pode identificar o elemento focalizado? Como é que o valor continua a ser enfático-contrastivo?

Vejamos as seguintes perguntas e as respostas respectivas:

- (25) *O que é que tu compraste?*  
 (26) *O que é que a Kiddy copiou?*  
 (27) *Quem é que mordeu a Aninhas?*

Em (25) supomos que o foco da resposta seja de carácter [-H-UMANO], o que, de facto, acontece:

(28) Ele tem é *uma voz bonita*.

Em (26) pedimos na resposta um foco [-HUMANO] e em (27) um foco [+HUMANO] ou (+ANIMADO). Na resposta (29) a natureza do foco é corrigida e em (30) é dada a natureza certa do foco:

(29) A Kiddy copiou foi *a Twiggy* ( e não a moda).

(30) Mordeu a Aninhas foi *a cadela* (e não a outra bebé).

Assim pretendemos que apesar da falta do elemento clivador no início da frase, o *ser* continua a identificar o foco. Não se trata tão-pouco de uma simples identificação como em (31), mas sim, de uma identificação enfático-contrastiva (32):

(31) Quem veio?  
Veio o Pedro.  
??Veio foi o Pedro.

(32) Quem veio? Foi o Pedro?  
Não, veio foi o Ricardo (e não o Pedro).

Os elementos focalizados podem ser de natureza variada contendo, além dos traços já supracitados, traços semânticos de [+LUGAR], [+META], [+ORIGEM], [+TEMPO] e [+MODO]. Vejam só:

(33) A conferência tem lugar é *em Sintra*.

(34) Ele foi foi *a Coimbra*.

(35) Ele veio foi *do Rio*.

(36) Eles trabalharam foi *o dia todo*.

(37) Eu ia ao cinema era *muitas vezes*.

Em relação à última frase, podemos constatar que as semi-pseudoclivadas aceitam perfeitamente os adverbiais durativos ou frequenciais no seu foco, enquanto que as pseudoclivadas as rejeitam. Assim, e isto é equivalente a todas as construções com clivagem, muitas das funções e realizações das construções com clivagem podem ser e são idênticas, mas também podem ser complementares: há quase sempre uma construção que adopta casos que noutras são impossíveis ou difíceis de realizar. Assim acontece com alguns dos elementos que denotam conteúdo vazio, só as semi-pseudoclivadas são capazes, em termos gerais, de os aceitar:

(38) Não está lá é *ninguém*.

(38)a. \*Quem não está lá é *ninguém*.

(39) O bebé não chora é *nunca*.

(39)a. \*Quando o bebé não chora é *nunca*.

A variante PÓS-FRASE, por seu lado, oferece-nos um caso bastante complexo quanto ao foco. Exemplifiquemos:

(40) O Manuel anda apaixonado por ela mas é.

A pergunta que fazemos é: como podemos dividir o conteúdo à esquerda de *mas é* em foco e pressuposição?

(40)a. O Manuel anda apaixonado por ela e *não zangado com ela*.

(40)b. O Manuel anda apaixonado por ela e *não por uma outra*.

(40)c. O Manuel anda apaixonado por ela e *não está a fazer outra coisa qualquer*.

Parece-nos que a interpretação da frase (40)c. é a mais popular entre os nativos do português. Se a intuição dos falantes da língua portuguesa for certa, quer dizer, se a última interpretação for a mais acertada, esta variante PÓS-FRASE das semi-pseudoclivadas oferece uma possibilidade de marcação de todo um conteúdo frásico. Esta hipótese parece ser confirmada pelas frases imperativas (página seguinte).

### **Características distribucionais das semi-pseudoclivadas**

A distribuição das construções semi-pseudoclivadas interessa-nos sobretudo pela possibilidade que estas construções têm em integrar-se em estruturas imperativas.

As construções com clivagem e, portanto, as semi-pseudoclivadas também, têm todas um valor idêntico que é o de enfático-contrastivo. Elas devem ter a possibilidade de serem divididas em foco e pressuposição, ficando aquele (no caso das semi-pseudoclivadas) à direita do verbo *ser* e esta à esquerda do verbo identificador. As imperativas não podem ser divididas nestes dois componentes necessários ou, pelo menos, é difícil apontar nelas um foco e uma pressuposição precisas:

Elementos semânticos focalizados

Elemento focalizado	PCL	CL	SPCL	É QUE
[+HUMANO] Restrições 1	+	+	+	+
[-HUMANO] Restrições 2	+	+	+	+
[+ANIMADO]	+	+	+	+
[+LOCATIVO]	+ m	+	+	+
[+TEMPO] Restrições 3	+ m	+	+	+
[+MODO] Restrições 4	+ m	+	+	+
1. Conjunto vazio/indefinido <i>ninguém/alguém</i>	-/-	-/-	+/-	-/-
2. Conjunto vazio <i>nada</i>	+	+	+	-
3. Advérbios de tempo				
a) localizadores	+ m	+	+	+
b) durativos	-	+	+	- (+variante
c) frequentiais	- (- <i>nunca</i> )	+ (- <i>nunca</i> )	+ (+ <i>nunca</i> )	<i>sim/não</i> ) -(+ variante <i>sim/não</i> )
4. Advérbios de modo				
AO	-	-	-	-

m = menos comum.

(41) \*É/mas é despacha-te!

(41)aDespacha-te mas é!

A semi-pseudoclivada propriamente dita não entra na frase imperativa (41) supostamente pelo facto acima mencionado. No entanto, a variante PÓS-FRASE é perfeitamente plausível e, baseando-nos no nosso corpus, até bastante frequente. Essa variante tem a capacidade de marcar o conteúdo todo à sua esquerda.

De qualquer modo, se houver uma possibilidade de separar o foco da pressuposição também as duas outras possibilidades são plausíveis (42)b.:

Distribuição das construções com clivagem  
em diferentes tipos de frases

	PCL	CL	SPCL	É QUE
Frases imperativas	-	-	+ Variante 2b + Variante 2a (estruturas perifrásticas)	-
Frases exclamativas				
a) com determ.	-	-	+ Variante 2b	-
b) sem determ.	+ m	+ m	+ Variante 2b	+
Frases interrogativas				
a) parciais	-	-	-	-
b) totais	+ m	+	+ m Variante 1	+
- subordinadas	+ m R: foco Suj ou Cd	+	-	+
Frases declarativas				
1) simples	+	+	+	+
2) complexas				
a) co-ordenadas	+ m	+ m	+ m	+ m
b) completivas integrantes	+	+	+	+
c) outras construções subordinadas	-	+ m	+ m	-

R = Restrição

m = menos comum

Variante 1 = *ser foco*

Variante 2a = *mas é* PRE-FOCO

Variante 2b = *mas é* PÓS-FRASE

(42) Não cuspas no chão mas é!

(42)a. \*É/mas é não cuspas no chão!

(42)b. Não cuspas é/mas é no chão!

Em (42) temos todo o conteúdo frásico marcado à esquerda de *mas é*, e em (42)b. apenas o modificador.

A variante PRE-FOCO encontra-se muitas vezes em contextos perifrásticos:

(43) Vai mas é dar uma voltinha!

Assim, olhando para o quadro de distribuição verificamos que a construção semi-pseudoclivada (e, em especial a variante *mas é PÓS-FRASE*) é uma verdadeira possibilidade complementar para ser usada em contextos imperativos.

O mesmo aplica-se às exclamativas:

(44) Que lindo menino *mas é!*

(44)a. \*É/*mas é* que lindo menino!

(44)b. Que lindo é aquele menino *mas é!*

(44)c. \*É/*mas é* que lindo é aquele menino!

No entanto, chegámos à conclusão de que se trata aqui de uma espécie de dupla marcação: o exclamativo realça a qualidade e ao mesmo tempo *mas é* enfatiza todo o conteúdo frásico à sua esquerda. As frases a. e c. são impossíveis supostamente pelas razões supra que têm a ver com a impossibilidade de a frase ser dividida em foco e pressuposição.

As frases interrogativas (falamos agora de frases interrogativas totais, sendo as parciais incompatíveis com as semi-pseudoclivadas) não são o campo por excelência das semi-pseudoclivadas. A título de exemplo, vejamos as seguintes frases:

(45) \*Que é/*mas é* fazes tu?

(45)a. \*Que fazes é/*mas é* tu?

(45)b. ??\*Que fazes tu *mas é?*

(46) O petroleiro transporta é petróleo?

(46)a. \*O petroleiro transporta petróleo *mas é?*

Nas frases (45) e (45)a. e b. trata-se de uma contradição em que o interrogativo interroga o Cd enquanto o *ser* focaliza outro constituinte. A frase (46) é plausível, embora teórica.

A frase declarativa simples é o meio natural de todas as construções com clivagem. As estruturas mais complexas são evitadas talvez por uma simples questão de economia na fala e na escrita, ou por algumas das construções serem consideradas pouco naturais ou impossíveis. Os exemplos a seguir são, respectivamente: completiva integrante, subordinada condicional, subordinada temporal, subordinada relativa:

- (47) Mas eu percebi *que era mas era para me dar uma sova*[...].
- (48) A Aninhas ficou maldisposta *porque comeu foi muitos doces*.
- (49) \**Quando eu fui foi a Coimbra*, tu estavas em Lisboa.
- (50) ?O livro *que li foi durante as férias*, foi muito bom.

### Notas

1. Só em Mateus & alii (89), p.235, encontramos uma referência a construções semi-pseudoclivadas como *estratégias para marcação de focos*: “Utilização de uma forma de *ser* precedendo o foco de informação, quando este tem uma interpretação contrastiva [...].”
2. Do número total de 939 frases com clivagem, as semi-pseudoclivadas constituíram o grupo mais pequeno com 84 exemplos, sendo as clivadas o grupo maior com 418 exemplos, as construções com *é que* tinham 255 frases exemplares e as pseudoclivadas 182. Sublinhamos ainda que se trata do Português europeu.
3. Claro está que a realce sintáctica do Suj também se pode realizar através da inversão da posição do sujeito:  
*Telefonou hoje o Pedro*.  
Isto não faz, no entanto, parte do âmbito deste artigo.
4. Caracterizamos semanticamente as construções com clivagem com o seguinte esquema:  
PCL = Q x *ser* foco  
CL = *ser* foco Q x  
SPCL = x *ser* foco (e as variantes: *mas é foco/foco mas é*)  
*É que = foco é que* x
5. Não parece existirem restrições em relação às preposições aceites pelas semi-pseudoclivadas, ao contrário do que acontece com as pseudoclivadas (i) e (ii), para citarmos só alguns exemplos:  
(1) ?? Para o que esta gramática serve é para uma boa referência.  
(i)a. Esta gramática serve é para uma boa referência.  
(ii) ??Até onde ele foi foi até Paris.  
(ii)a. Ele foi foi até Paris.

6. Vale a pena sublinhar o facto de que nas pseudoclivadas (i) e (ii) o carácter formal do *ser* difere do das semi-pseudoclivadas (i)a. e (ii)a. O *ser* das semi-pseudoclivadas mantém-se inalterável: encontra-se sempre na 3ª p. do sg. Nestes exemplos a função do foco é a de Cd.
- (i) O que eles querem são as fotografias da festa.  
(i)a. Eles querem é as fotografias da festa.  
(ii) Quem a Ana viu foram vocês.  
(ii)a. A Ana viu foi a vocês.

### Bibliografia

- Akmajian, A. (1970). Deriving Cleft Sentences from Pseudo-Cleft Sentences *Linguistic Inquiry* 1(2):149-168.
- Ambar, M. (1985). Sobre a Estrutura de Constituintes Interrogativos. Governo e Inversão. In: *Actas do 1º Encontro da Associação Portuguesa de Lingüística*. Págs. 247-267.
- Brito, A.M. & Pereira, M.G. Ardisson (1974). Introdução ao Estudo das Interrogativas em Português. *Boletim de Filologia* 23:191-254.
- Campos, M.H.C. & M.F. Xavier (1991). *Sintaxe e Semântica do Português*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Casteleiro, J.M. (1979). Sintaxe e Semântica das Construções Enfáticas com *É que*. *Boletim de Filologia* 25 (1976/79): 97-166.
- Cuesta, P. & M.A. & Vasquez & Mendez Da Luz (1971). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Edições 70.
- Cunha, C. & Cintra, L.F. Lindley (1984). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- Faria, I.H. (1973). Sobre a Formação das Imperativas em Português. *Boletim de Filologia* 22: 341-359.
- Fonseca, J. (1982). Aspectos da Formulação de Ênfase em Português. Tese complementar de Doutoramento. Porto: Faculdade de Letras.
- Fradin, B. (1978). Les phrases clivées en français: propositions pour une reanalyse. *Recherches linguistiques* 7:88-132.
- Gundel, J. (1977). Where do the cleft sentences come from? *Language* 53: 543-559.
- Jackendoff, R. (1972). *Semantic Interpretation in Generative Grammar*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press.



- Melo e Abreu, L. (2001). *Contributo para o Estudo das Construções com Clivagem na Língua Portuguesa*. Helsinki: Academia Scientiarum Fennica.
- Mateus, M.H. et alii (1989). *Gramática da Língua Portuguesa*. 3ª ed. Lisboa: Editorial Caminho.
- Móia, T. (1992). A Sintaxe das Orações Relativas sem Antecedente expresso do Português. Diss. de Mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva. Lisboa: Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.
- Peres, J. (1984). *Elementos para uma Gramática Nova*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Peres, J.A. & T. Móia (1995). *Áreas Críticas da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, universitária. Série Linguística.
- Perini, M. (1995). *Gramática Descritiva do Português*. São Paulo: Editora Ática, SA.
- Raposo, E. Paiva (1978). *Introdução à Gramática Generativa: Sintaxe do Português*. Lisboa: Moraes Editores.
- Rouget, C. & L. Salze (1985). C'est... qui, c'est... que: Le jeu des quatre familles. *Recherches sur le français parlé* 2:117-139.
- Schachter, P. (1973). Focus and Relativization. *Language* 49(1):19-46.
- Soames, S. (1982).- How Presuppositions Are Inherited: A Solution to the Projection Problem. *Linguistic Inquiry* 13(3):483-544.
- Valli, A. (1981). Note sur les constructions dites "pseudo-clivées" en français. *Recherches sur le français parlé* 3:195-211.
- Williams, E. (1990). Pseudoclefts and the Order of the Logic of English. *Linguistic Inquiry* 21(3):485-489.